

Theatro Municipal, por Luis Arrieta
Publicado na *Revista Dança Brasil*, São Paulo, Brasil.
Fevereiro, 2013.

Anunciado para estrear no dia onze de setembro de 1911, um destino profético organizou o atraso de um dia dos cenários da ópera de abertura que vinha de Buenos Aires para que a inauguração da casa nunca ficasse ligada à data fatídica internacional que ocorreria noventa anos depois. Assim foi que num doze de setembro este palácio (que por si só já é um espetáculo) abriu suas portas aos artistas e ao público para que nele se amassasse mais do que a cultura do século vinte, a história e a expressão da cidade.

Quarenta anos depois, sob o mesmo signo de virgem do teatro e da mesma terra dos cenários demorados da estréia, nascia quem se inscreve.

Cheguei ao Brasil em setenta e quatro, e quero mais a minha fantasia do que a certeza (já que não lembro a data) que sob o signo de virgem, agora também do Brasil, pisava por primeira vez o palco dessa casa que, sem poder sequer ainda imaginá-lo, seria minha casa meu estudo meu canto meu colo meu seio.

O meu *début* não foi “aquelas coisas” nem muito menos ainda. Eu era substituto do último elenco do grupo de índios da ópera “O Guarani” (ópera que deflorou o virgem tablado da casa em 1911) de Carlos Gomes com coreografia de Johnny Franklin que se apresentava numa temporada lírica. O então “Corpo de Baile Municipal” (hoje Balé da Cidade de São Paulo), corpo estável do Theatro, sob a recente direção de Antonio Carlos Cardoso, encarregava-se das danças e algumas cenas físicas na ópera.

Muito inexperiente e pouco preparado para o lugar, (ainda que nada complexo), tive eu que entrar de última hora para substituir alguém machucado. Minha triste atuação (corpo tingido de marron, sunga, peruca e machadinho na mão) não passou de tropeços e má colocação que atrapalharam cantores e solistas.

Serviu-me essa experiência para aterrizar de uma vez e conscientizar-me da importância do tablado virginiano sobre solo virginiano que este virginiano pisava.

Ainda em Buenos Aires, o único banheiro do pequeno e velho apartamento em que vivíamos era o lugar por excelência para a introspecção e estudo da minha família (fora, lógico, dos usos fisiológicos). Usado às vezes para estudar as lições da escola, também foi o lugar que minhas irmãs e eu encontrávamos para a

encenação de peças e filmes imaginados com a colaboração dos mais rudimentares elementos.

Por exemplo, com a luz apagada e um palito de fósforo aceso fazíamos viajar essa luz pelo espaço escuro descrevendo círculos a alturas diferentes imitando o vôo de uma fada que culminava iluminando, a modo de ribalta, o rosto de uma das minhas irmãs que começava seu texto personalizando a tal fada, enquanto a luz acendia e dava espaço à cena que nos encontrava já prontos com nossos figurinos de jornais amarrados com cordas e onde eu me movimentava ora pelo chão ora sobre o vaso sanitário tentando encontrar o melhor ângulo para a captação da câmera que, muito longe da tecnologia de hoje, consistia na minha mão empunhada imitando um tubo-diafragma pelo qual registrava toda nossa obra.

Era agora o palco do maravilhoso Theatro Municipal de São Paulo que pela graça divina permitia-me continuar a desenvolver todo aquilo que tinha começado na minha infância.

Minha dança, minhas primeiras incursões coreográficas, minhas primeiras experiências como assistente e diretor da companhia oficial, fora os trabalhos meus montados para tantas companhias e grupos, as relações com as orquestras e coral da casa, eventos e premiações recebidas sobre esse palco que era, é e será para mim solo fértil e maternal.

Mas o progresso profissional que ele proporcionou-me é só conseqüência e espelho do crescimento como pessoa do qual ele também foi responsável.

A relação com as pessoas da casa (administradores, técnicos, artistas, críticos, público) ajudaram-me a desenvolver minha admiração, respeito, paciência e humildade, que são, sem dúvida, o verdadeiro motivo da graça recebida.

Volto periodicamente a este lugar para assistir espetáculos ou para montagens e postas em cena de trabalhos meus e sinto-me sempre acolhido fraternalmente pelos seus muros, sua gente e seu público.

Dizem que perambulam fantasmas pela noite por dentro deste monumental edifício, e eu acredito: é impossível que tanta energia suprema que os artistas têm derramado e que transformaram esse palco em sonhos renovados a cada espetáculo, não permaneça ecoando pelos seus muros, corredores e salas. Como naquela oportunidade em que por falta de lugar nas acomodações do teatro com lotação esgotada eu tive que assistir da coxia a primeira apresentação dos índios do Xingu. Os seus pés enormes e vastos como raízes batiam o chão nas suas danças circulares e eu, como

a negra personagem do livro de Isabel Allende, recebia essa vibração vindo da terra entrando pelos meus pés e percorrendo-me o corpo todo, reavivando em mim toda a energia telúrica dos meus antepassados. Aquele requintado prédio afrancesado urbano era esta vez a antena que me conectava à história do continente.

Como se toda essa dádiva fosse pouca hoje recebo o pedido de falar alguma coisa acerca desse Teatro.

Confesso que qualquer coisa que eu possa dizer parecerá fútil e sempre estará aquém do que minha alma sente.

Só direi: GRACIAS!

Luis Arrieta

São Paulo, 3 de janeiro de 2013